



A MULHER E O TRABALHO NA SOCIEDADE BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: PROBLEMÁTICAS SUSCITADAS PELO CONTO *SORTE TEVE A SANDRA*, DE LUIZ RUFFATO

416

Melissa Salinas Ruiz
Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE

Resumo: A obra literária, ao integrar a cultura, se vincula à realidade social onde está inserida. Desta forma, se analisará o conto *Sorte teve a Sandra*, de Luiz Ruffato, a fim de discorrer sobre a mulher trabalhadora contemporânea. O objetivo desta proposta é expor algumas das dificuldades enfrentadas pelas mulheres ao tentar se inserir no mercado de trabalho formal. Para tanto, primeiro se exporá a relação entre literatura, cultura, linguagem e sociedade. Logo se exporá o enredo do conto e seus personagens, relacionando a vivência destes com problemáticas reais enfrentadas pelas mulheres. Se conclui que os obstáculos que as mulheres enfrentam na busca pelo trabalho são de naturezas distintas, e que essa consciência é essencial para começar a mudar a realidade.

Palavras-Chave: literatura, mulher, trabalho, sociedade.

Resumen: El labor literario, al pertenecer a la cultura, se relaciona a la realidad social de donde provino. De esta forma, se va a analizar el cuento *Sorte teve a Sandra* de Luiz Ruffato, para discutir sobre la mujer trabajadora contemporánea. El objetivo de esta propuesta es exponer algunas de las dificultades enfrentadas por mujeres al intentar entrar al mercado de trabajo formal. Para eso, primero se expondrá la relación entre literatura, cultura, lenguaje y sociedad. Luego se expondrá el enredo del cuento y sus personajes, relacionando la experiencia de estos con problemas reales enfrentados por las mujeres. Se concluye que los obstáculos que las mujeres enfrentan al buscar trabajo son de distintos orígenes y que tener una conciencia es esencial para empezar a cambiar la realidad.

Palabras-Clave: literatura, mujer, trabajo, sociedad.

INTRODUÇÃO

A crescente inserção das mulheres no mercado de trabalho fomenta a discussão referente às maneiras em que o mercado recebe tais mulheres. A fim de coibir eventuais abusos, a Consolidação das Leis do Trabalho – CLT, dedica Seção específica à proteção do trabalho da mulher, com garantias como a proibição



de exigência de atestados médicos para comprovar esterilidade ou gravidez (Art. 373-A, inciso IV), entre outras. No entanto, a proteção legislativa se faria suficiente para coibir abusos num ambiente que, ao longo de décadas, foi construído social e simbolicamente interpretado como masculino?

Considerado-se o homem como altamente simbólico, como porta-se este quando instituições sociais ou normativas entram em conflito com percepções simbólicas que são reproduzidas até os dias de hoje? Tendo isto em vista, o presente trabalho objetiva, por meio da análise do conto *Sorte teve a Sandra*, de Luiz Ruffato, dissertar sobre a mulher trabalhadora e as dificuldades que esta enfrenta na sociedade.

A literatura, devido a seu alto potencial simbólico, constitui fonte digna de análise na busca de uma compreensão mais holística da realidade. Pois, se a proteção feminina existente na CLT, muitas vezes, não se configura, urge recorrer a outras literaturas e fontes que possam fornecer uma panorama social contemporâneo mais completo.

Sendo assim, em princípio se dissertará sobre a mulher dentro da sociedade, mercado de trabalho e a relação íntima entre cultura e sociedade. Em seguida, se apresentará o enredo do conto e seus personagens para, no último momento, problematizar os obstáculos enfrentados pela personagem Sandra e relacioná-los à realidade contemporânea.

O trabalho feminino na sociedade e sua relação com a literatura e cultura

A possibilidade de intervir efetivamente na realidade requer, em princípio, percepção de sua multiplicidade e complexidade. Isto posto, a adoção do enfoque interdisciplinar realizada por este trabalho visa a uma interpretação mais holística da realidade, rompendo com a visão estritamente disciplinar e seus pré-conceitos.

Transformar a realidade requer, também, a possibilidade de situar-se como agente dentro da sociedade, ou seja, encontrar nesta um ambiente receptivo a



interferências, o qual não implica pleno acordo aos posicionamentos defendidos pelo agente. Um espaço receptivo é aquele que legitima a auto-determinação do sujeito, o qual torna-se agente ao ter corroborada pela sociedade, se não a aceitação de seu discurso, o seu direito a exprimi-lo.

Tendo isto em vista, é possível afirmar que a mulher é um “agente” dentro da sociedade atual? Embora inegável que a participação das mulheres na sociedade contemporânea não se restringe mais ao contexto familiar, é factível afirmar que as mulheres gozam de autonomia nas distintas esferas sociais? Em suma, e de acordo à conceituação de Bordieu, possuiriam as mulheres “poder” dentro da sociedade?

De acordo à historiadora Michelle Perrot (2005), as identidades assumidas pelas mulheres na contemporaneidade relacionam-se intrinsecamente à ausência da presença destas em posições de protagonismo ao longo da história e, em adição, à inexistência de relatos históricos a tratar da realidade sob a ótica feminina. De maior gravidade, ao longo de seus estudos Perrot constatou a reduzida presença de mulheres nos documentos públicos da França do século XIX, em retratos realizados por homens que em nada demonstram as percepções femininas.

Para Bordieu (1999) quando há uma relação desigual de poder em algum âmbito, esta se torna de dominação. Isto posto, estudos como o de Wajnman e Gomes (2017) a tratar da desigualdade em razão do gênero no mercado de trabalho, explicitam que atualmente, no campo laboral, há dominação dos homens em relação às mulheres. Dessa maneira, faz-se necessário analisaros distintos fatores que contribuem para esta opressão, a fim de criar-se condições para a transformação da realidade. Corroboram a importância dos estudos críticos Silveira e Freitas (2007), ao afirmar que o campo do trabalho sofreu forte influência dos estudos feministas, os quais pleiteavam a necessidade de tratar a atividade doméstica não-remunerada como trabalho.

Isto posto, o estudo do papel da mulher no campo do trabalho se reveste de relevância pois os questionamentos que suscita renovam-se na atualidade. Será que a crescente presença de mulheres dentro do mercado de trabalho exercendo cargos de chefia é suficiente para afirmar que foram superadas as diferenças de gênero?



Ou, ainda, poderiam essas referidas mulheres, de alguma forma, estar contribuindo à opressão de outras?

Ao dissertar a respeito da relação das mulheres com o mercado de trabalho, Silveira e Freitas (2007) expõem um preocupante desdobramento referente à inserção feminina no mercado. Afirmam as autoras que, ainda cabendo à mulher a manutenção da estrutura familiar e doméstica, se vê ela forçada a recorrer a outra mulher – esta sim, em modalidade de subemprego – a fim de cumprir os afazeres laborais e familiares. A emancipação de umas, assim o sendo, acaba reforçando ao ciclo de exploração do gênero feminino.

A discussão referente ao papel da mulher dentro da sociedade encontra-se em diversas literaturas atualmente. Desse modo, a Literatura também tratou dessa questão, numa linguagem que, pela sua plurissignificância, permite, simultaneamente, apreender o conteúdo ficcional da obra e relacioná-lo à sociedade hodierna. Sendo assim, o presente trabalho busca tratar do papel da mulher trabalhadora dentro da sociedade brasileira contemporânea através da análise do conto “Sorte teve a Sandra” de Luiz Ruffato.

A obra literária integra a cultura e é através do estudo dela que se podem compreender as teias de significação que estão presentes na sociedade. (Geertz, 2008) Ainda, quanto à relevância das manifestações culturais, ressalta Ortiz (2008) que, embora a sociedade contemporânea tenda a negligenciar a cultura em seus planos de atuação políticos, o “culto” ao desenvolvimento social através da racionalidade não é uma característica inerente à vida em sociedade. Em contrapartida, o autor afirma a impossibilidade de uma sociedade sem cultura, visto que o ser humano percebe a realidade de maneira simbólica.

Tendo em vista o exposto, ao ser o escrito de maior plurissignificância, o texto literário torna-se uma rica fonte de análise da sociedade na qual se insere e à qual pretende retratar, pois expõe a carga de subjetividade e simbolismo que permeia as relações sociais. Sobretudo pois, conforme cita Sayão, a percepção simbólica do corpo feminino se relaciona profundamente às vivências hodiernas das mulheres:



As construções simbólicas oriundas dessas concepções indicam uma suposta inferioridade feminina determinada por um corpo mais frágil, com menor número de neurônios e, ainda, situado na esfera da vida reprodutiva. Por isso, as mulheres são vistas como ligadas ao mundo da casa, ao doméstico e ao cuidado dos filhos. A capacidade corporal feminina relacionada à reprodução da espécie humana delimita o espaço da mulher na vida em sociedade; seu papel social de “cuidadora” confere-lhe uma posição hierárquica inferior em relação aos homens publicamente ativos e provedores. À primeira vista e tomando representações comuns, seria possível dizer que os homens estariam na esfera da vida produtiva, enquanto as mulheres na esfera da vida reprodutiva. (SAYÃO, 2003, p.122-123)

De maneira resumida, o conto de Luiz Ruffato apresenta uma jovem de classe baixa que, a despeito das reiteradas tentativas, fracassa em inserir-se no mercado de trabalho. Entretanto, o conto possui diversos elementos que, além de enriquecer a narrativa, permitem formular um panorama mais concreto e complexo das dinâmicas sociais nele retratadas.

O enredo e personagens de *Sorte teve a sandra*

Narrado em terceira pessoa, o conto relata a trajetória de vida de Sandra, nascida em Cataguases, interior de Minas Gerais, e seu anseio em “melhorar de vida”. A linguagem adotada pelo narrador pode ser analisada de acordo à crítica sociológica de Bordieu (1983) pois demonstra a hipossuficiência de Sandra, a qual será reforçada nos demais momentos do conto. Expondo o conceito de “língua legítima”, Bordieu situa a relação discursiva como uma relação de força simbólica, na qual prevalecerá aquele que mais se assemelhar ao status almejado pela sociedade.

Assim o sendo, às expressões populares como “enrribichou-se”, “escapuliu” e “uai”, o narrador acrescenta a descrição do deslumbramento de Sandra ante ser aceita como empregada por Dona Diana, esposa doutor Manoel Prata, outro momento que pode ser compreendido a partir de Bordieu. Imbuído do poder simbólico que a sociedade atribui a certas profissões – médico, advogado, etc. – o



marido de Diana confere-lhe, também, deferência. Torna-se “Dona” Diana, com “cheiro de povo rico”.

Na casa da patroa, a precariedade do novo trabalho a ser realizado por Sandra é evidenciada pela descrição do ambiente, “minúscula dependência-de-empregada, escura e embolorada”. Isto, no entanto, não parece constranger a mulher rica, que o apresenta a Sandra, alegremente, como “seu cantinho”.

Nesse ambiente, o contato com os filhos da mulher rica e a própria imaturidade da adolescência fazem com que Sandra negligencie seus afazeres, em prol das distrações da cidade grande. Isto culmina na gravidez de Sandra, decorrente de uma fugaz relação carnavalesca. Sem alternativas, a jovem se vê obrigada a retornar à casa da mãe, onde depara-se com o preconceito destinado às mães solteiras.

Por oito anos permanece Sandra na terra natal, porém seu inconformismo a compele a retornar ao Rio de Janeiro, o filho pequeno deixado aos cuidados da irmã. A metrópole, no entanto, não é hospitaleira à moça do interior. Desempenhando “biscates” e, logo, empregando-se como caixa de supermercado, a precariedade é tal que leva a jovem a ceder a uma oferta de vida fácil ser dançarina de boate no bairro de Ipanema.

O dinheiro, enfim, lhe permite uma certa comodidade, a qual deslumbra Sandra. E é através dele que a jovem inicia seus romances com Fred, jovem paulistano que, se em princípio recusa os mimos e atenções, não tarda em acostumar-se a eles.

Dessa maneira, a relação de Sandra com Fred torna-se cada vez mais de subserviência, pois este passa a exigir progressivamente mais da companheira, tanto financeiramente – Sandra passa a não dispor mais de dinheiro para enviar à irmã encarregada de cuidar de seu filho - quanto afetivamente – os comportamentos e aparência da jovem tornam-se alvos de crítica do companheiro. Fred torna-se opressor e passa a envolver-se com indivíduos de má índole, o qual justifica o temor de Sandra quando descobre-se grávida.



A reação do parceiro ante a notícia é de indiferença, em contraposição às esperanças de Sandra. Cessa de satisfazer aos caprichos do namorado aspirante a artista – aos quais atendia na expectativa de, algum dia, ser a inveja de Cataguases – a fim de poupar dinheiro para o futuro do filho.

Aos três meses de gestação, culmina a relação abusiva no abandono de Fred, agravado pelo furto de todas as economias de Sandra. Forçada a retornar a Cataguases, dá a luz a Kaíke, momento qual descobre que ela e o filho estão infectados pelo vírus da AIDS. Isto, no entanto, lhe garante um salário-mínimo ao mês, pago pela Previdência, estabilidade de rendimento que assegura que, em Cataguases, se afirme que “sorte teve a Sandra”.

Problemáticas ficcionais e reais

À ausência da norma linguística culta ao longo da narrativa– meio de exercício de poder segundo Bordieu– se acrescenta outras características que, atualmente, são recorrentes nas camadas sociais mais necessitadas. Sandra integra um núcleo familiar composto por nove pessoas, a figura paterna ausente devido à morte prematura, tornando o irmão mais velho “arrimo” de toda a família.

Nessa descrição inicial do ambiente familiar já é possível notar a ausência de uma figura feminina que tenha alcançado algum grau de independência.

(...) três machos (o Junim, de-colo ainda) mais seis tontas – uma apenas ladina, ela, Sandra, que de besta nada possuía. Nádia e Evelina, evanecidas no mundo; Cláudia, crente, entregue a culto, marido, filharada; Maura, solteirona deprimida; Beatriz morta...a mãe morta...uma tropa infame de mulheres descabeçadas. (RUFFATO, 2011, p. 45)

A descrição acima acaba por descrever as realidades mais recorrentes para as mulheres na sociedade atual que nasceram em núcleos econômicos menos favorecidos. Pois, conforme demonstram Wajnman e Gomes (.) ao tratar da desigualdade de rendimentos em razão do gênero, a situação de discrepância



vivenciada pelas mulheres não é uniforme, mas altera-se de acordo à condição econômica e social da qual provem.

Assim sendo, a irmã Cláudia segue o modelo “tradicional” de família existente na sociedade patriarcal, o da mulher dedicada ao lar e ao cuidado dos muitos filhos. Em contraposição, a impossibilidade de adequar-se a esse modelo faz com que Maura seja “deprimida” pois “solteirona”. As outras integrantes da família possuem sina ainda menos promissora. Nádia e Evelina estão “evanecidas” no mundo e Beatriz e a matriarca mortas. A linguagem direta, ausente de emoções ou explicações quanto ao fato, indicam o conformismo ante o destino da mulher: a invisibilidade, de um lado, e a aniquilação, do outro.

A personagem Marcela, filha de Dona Diana, exemplifica a disparidade existente entre mulheres de origem abastada e humilde. Num primeiro momento, apresentada como “quase-médica”, no decorrer do conto se observa que Marcela teve sucesso em graduar-se médica, a despeito dos indícios a indicar que esta não era a estudante exemplar idealizada pela mãe.

Outro relevante fator a atestar a precariedade da condição social de Sandra é a idade que possuía quando foi trabalhar para Dona Diana. Aduz a isto a afirmação de que “Dona Diana, esposa do doutor Manoel Prata, podia ter elegido a Maura, dezoito anos completos, mas engraçou-se com ela, nem dezesseis ainda, só elogios.” (Ruffato, 2011, p.45) Nesse fragmento constata-se a presença de dois elementos indicados por Antunes (2011) como consequências da reestruturação produtiva ⁶⁹vivenciada no âmbito trabalhista na América Latina.. A inserção precoce no mercado de trabalho e a crescente inserção feminina neste, porém de maneira precarizada.

Ao indicar que a idade de Sandra era de quinze anos do momento em que começa a prestar serviços a Dona Diana, nota-se que não haveria maneira de haver um contrato de trabalho legítimo entre ambas. Assim afirma-se pois, na faixa etária

⁶⁹Reestruturação produtiva foi um processo resultante das tendências neoliberais e que, a partir da década de 70, buscou fortalecer o capital financeiro. Dentre suas consequências podem citar-se as privatizações, terceirização, incremento do trabalho temporário, desemprego estrutural e flexibilização dos direitos trabalhistas. (ANTUNES, 2011)



dos catorze aos dezoito anos, a única modalidade de contrato de trabalho passível de ser efetivada é a contida no Decreto 5598/05 , que prevê e regulamenta o Contrato de Aprendizagem, situação a qual não se configuraria por diversos fatores.

A função de aprendiz visa propiciar ao jovem inscrito no programa de aprendizagem e dentro da faixa etária de catorze a vinte e quatro anos, formação técnico-profissional, seguindo um programa de aprendizagem que será desempenhado em local propício e acompanhado por entidade qualificada em formação técnico-profissional. Em razão disto, requisito obrigatório para ser aprendiz é a conclusão do Ensino Médio ou estar matriculado e frequentando instituição de ensino, outro aspecto inviabilizado já que Sandra “largou os estudos”.

Embora os aspectos expostos já fossem suficientes para impossibilitar a contratação de Sandra como aprendiz, é a própria natureza da função a ser desempenhada o maior óbice a isso. Complementando o Decreto 5598/05, o Decreto n. 6481 de 2008 apresenta a Lista de Piores Formas de Trabalho Infantil (Lista TIP), proibindo aos menores de 18 anos realizar as atividades nela contidas, seja na modalidade de trabalho ou emprego⁷⁰, salvo nas hipóteses abarcadas pelo próprio Decreto. Destaca-se que, além de mencionar as práticas vedadas aos menores de 18 anos, a Lista TIP apresenta os possíveis riscos ocupacionais e à saúde do adolescente que as exercer. Assim sendo, o trabalho doméstico consiste no item 76 da Lista TIP, a qual expõe nos seguintes termos as consequências deste aos adolescentes:

Prováveis Riscos Ocupacionais: - Esforços físicos intensos; isolamento; abuso físico, psicológico e sexual; longas jornadas de trabalho; trabalho noturno; calor; exposição ao fogo, posições antiergonômicas e movimentos repetitivos; tracionamento da coluna vertebral; sobrecarga muscular e queda de nível

Prováveis repercussões à Saúde - Afecções músculo-esqueléticas (bursites, tendinites, dorsalgias, sinovites, tenossinovites); contusões; fraturas;

⁷⁰De acordo ao Direito, “emprego” é a relação trabalhista dotada de particularidades, quais sejam a pessoalidade, onerosidade, não-eventualidade e subordinação, regida pela Consolidação das Leis de Trabalho. A relação laboral desprovida de tais características será relação de trabalho, regendo-se por leis específicas de acordo ao tipo de trabalho e, de forma residual, pelo Código Civil.(DELGADO, 2016)



ferimentos; queimaduras; ansiedade; alterações na vida familiar; transtornos do ciclo vigília-sono; DORT/LER; deformidades da coluna vertebral (lombalgias, lombociatalgias, escolioses, cifoses, lordoses); síndrome do esgotamento profissional e neurose profissional; traumatismos; tonturas e fobias; (BRASIL. Decreto n. 6481, de 12 de junho de 2008.)

425

Ao aceitar a proposta de Dona Diana a personagem Sandra almejava ascensão social, a qual obteria como fruto de seu trabalho. No entanto, acaba por recair numa situação que potencializa sua vulnerabilidade, ao aliar sua baixa condição social a um ambiente laboral impróprio para sua idade.

Outro aspecto relevante presente na narrativa é a relação entre migração e trabalho. Sobre isto, expõem Silveira e Freitas (2007, p. 21) que “a acentuada pobreza e o desemprego em países subdesenvolvidos fizeram com que uma série de mulheres emigrasse para países mais ricos à procura de emprego e sustento para suas famílias.” Nascida em Cataguases, Minas Gerais, a personagem Sandra desloca-se para o Rio de Janeiro em dois momentos da narrativa, em ambos compelida pela crença na existência de melhores oportunidades na capital. Assim sendo, pode-se estabelecer relação entre a análise de Silveira e Freitas e as migrações que ocorrem dentro do Brasil, de regiões pobres em direção a grandes centros urbanos.

No mesmo sentido, Ferreira (2006) destaca a grande presença de migrações direcionadas às maiores áreas urbanas dentro da América Latina, consequência da precariedade das zonas rurais. O autor, ao tratar das vertentes existentes dentro da teoria da migração, ressalta a importância de integrar o estudo das motivações individuais para migrar aos aspectos estruturais, sociais e econômicos, pois estes influem diretamente nos deslocamentos geográficos.

Em “Sorte teve a Sandra”, portanto, percebe-se que, além do desejo da personagem em usufruir de alto status social – evidenciado pelo deslumbramento ao ser paga em dólares e pelo vontade do namorado artista atingir a fama – sua situação de mulher de classe baixa e pouca escolaridade a levaram a “tentar a vida” em um grande centro urbano. No entanto, as duas experiências de Sandra no Rio de Janeiro fracassam. Na primeira, a vida como doméstica culmina em gravidez,



fruto de uma relação furtiva de carnaval. Retornando a Cataguases, onde permanece por oito anos, Sandra opta por voltar ao Rio de Janeiro, onde acaba por tornar-se prostituta, envolve-se numa relação abusiva, engravida novamente e, por fim, adoece.

Ao engravidar pela primeira vez, Sandra passa a integrar a parcela de mulheres que, segundo Silveira e Freitas (2007) tem na maternidade um óbice na manutenção do trabalho. A afirmação das autoras de que o cuidado dos filhos ainda é socialmente imposto à mãe se potencializa no caso de Sandra, visto que é mãe solteira, não recebendo qualquer auxílio do pai da criança. Convém, quanto a isto, citar Bordieu (1996), quando afirma que, muitas vezes, a dominação masculina legitima-se pelas próprias atitudes femininas. Desta maneira, ao aceitar a carga do cuidado do filho sem o apoio do pai, Sandra aceita a dominação simbólica, que dita ser papel exclusivamente da mulher a criação dos filhos.

Ao tratar da dominação masculina, Bordieu (1996) afirma que, ao não ser sujeito que age na sociedade, a mulher torna-se objeto, assim tornando-se seu corpo e ações prisioneiros da expectativa social. A adequação a um padrão de beleza socialmente imposto visa, dessa maneira, aumentar o capital simbólico masculino, que se serve da mulher tal qual uma “coisa”. Isto se percebe implicitamente na narrativa quando se expõe que Sandra alisa seus cabelos com henê, buscando se afastar do fenótipo da raça negra

Em contrapartida, de forma explícita se configura a dominação de Fred em relação a Sandra, sem encontrar protestos da companheira. Destaca-se que, ao ser mantido financeiramente pelo dinheiro que advém da prostituição de Sandra, Fred comete o crime de rufianismo. Vide o Código Penal Brasileiro:

Art. 230 - Tirar proveito da prostituição alheia, participando diretamente de seus lucros ou fazendo-se sustentar, no todo ou em parte, por quem a exerça:

Pena - reclusão, de um a quatro anos, e multa.

§ 1o Se a vítima é menor de 18 (dezoito) e maior de 14 (catorze) anos ou se o crime é cometido por ascendente, padrasto, madrasta, irmão, enteado, cônjuge, companheiro, tutor ou curador, preceptor ou empregador da vítima, ou por quem assumiu, por lei ou outra forma, obrigação de cuidado, proteção ou vigilância:



Pena - reclusão, de 3 (três) a 6 (seis) anos, e multa.
§ 2º Se o crime é cometido mediante violência, grave ameaça, fraude ou outro meio que impeça ou dificulte a livre manifestação da vontade da vítima: Pena - reclusão, de 2 (dois) a 8 (oito) anos, sem prejuízo da pena correspondente à violência (BRASIL, Código Penal Brasileiro. Decreto-lei n. 2848 de 7 de dezembro de 1940)

427

Nota-se que, a despeito da conduta de Fred ser criminalizada, isto não o furta de praticá-la, bem como não impede Sandra de sujeitar-se a ela. Apenas o sistema normativo penal, portanto, é incapaz de suprimir o abuso se não aliar-se à superação de uma estrutura social de dominação masculina.

Ao analisar a submissão feminina dentro da sociedade, afirma Sayão (2004), Pierre Bordieu orientava seus estudos considerando a imutabilidade das estruturas de dominação masculina, incorporadas pelas próprias mulheres. Sendo assim, muito embora esta proposta teórica não negue a existência de trocas simbólicas que fomentam aludida dominação, refuta a imutabilidade de tal configuração. Ao utilizar o texto literário para expôr algumas maneiras em que a mulher trabalhadora é oprimida dentro de nossa sociedade, este trabalho buscou desconstruir a percepção do feminino como “sexo frágil”, ao mesmo tempo em que afirma a fragilidade da condição de mulher trabalhadora. Desloca, portanto, a responsabilidade por tal vulnerabilidade do feminino – de imagem historicamente construída como débil – para a sociedade opressora.

Considerações finais

Através do exposto, este trabalho buscou demonstrar a necessidade de perceber as peculiaridades da experiência laboral feminina em relação à masculina, expondo alguns dos óbices que estas enfrentam. Percebidas por séculos como frágeis e submissas, tal percepção simbólica do corpo feminino levou à negligência das potencialidades da mulher de maneira total, lhes sendo furtado o protagonismo tanto na História quanto em sua própria vida. Isto pode acarretar consequências de



extrema gravidade quando a figura feminina “ousa” desconstruir uma imagem masculina hegemônica, qual seja a do homem provedor.

Dessa maneira, a breve análise do conto “Sorte teve a Sandra”, de Luiz Ruffato, visou ressaltar que a verdadeira fragilidade da mulher trabalhadora reside na maneira em como é tratada pela sociedade, a qual projeta expectativas em seu corpo e vida. Nesse contexto, a proteção legislativa – seja trabalhista ou penal, conforme demonstrado – faz-se ineficaz, pois a própria conduta social tolhe sua capacidade de resguardar.

Conclui-se que a presença da dominação masculina no âmbito ficcional fornece inúmeros reflexos de como esta opressão se configura na vida real, dessa maneira tornando inevitável a admissão da desigualdade de condições existentes entre trabalhadores e trabalhadoras. Seu estudo, assim o sendo, contribui à formação de um arcabouço teórico que dialoga efetivamente com a realidade e, por meio disto, situa-se mais apto a transformá-la.

428

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O continente do labor**. São Paulo: Boitempo, 2011

BORDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Campinas: Bertrand, 1999.

BORDIEU, Pierre. **A economia das trocas linguísticas**. In: ORTIZ, Renato (org). Bordieu – **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRASIL. **Código Penal**. 23. Ed. São Paulo: Riddel, 2017.

BRASIL. **Consolidação das Leis do Trabalho**. Decreto-lei n. 5.442, de 1º de maio de 1943. 104 ed. São Paulo: Atlas, 2000.

BRASIL. **Decreto n. 6.481 de 12 de junho de 2008**. Disponível em. <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/decreto/d6481.htm> Acessado em 21 de abr. 2017.



BRASIL. **Lei n. 10.097 de 19 de dezembro de 2000.** Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L10097.htm> Acessado em 21 de abr. 2017.

DELGADO, Mauricio Godinho. **Curso de Direito do Trabalho.** 15. ed. São Paulo: LTr, 2016.

FERREIRA, Rodrigo Nunes. **Dinâmica do mercado de trabalho formal, migrações no emprego e o processo de reestruturação territorial no Brasil contemporâneo.** Disponível em <<http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/article/download/1591/1554>> Acessado em 18 de abr. 2017.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** 1. ed. 13.reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

ORTIZ, Renato. **Cultura e desenvolvimento.** Disponível em <<https://portalseer.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/3194>> Acessado em 21 de abr. 2017.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros.** Rio de Janeiro : Paz e Terra, 2001.

RUFFATO, Luiz. **Sorte teve a Sandra.** In: RUFFATO, Luiz. Domingos sem Deus. Rio de Janeiro: Record, 2011.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bordieu.** Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/viewFile/10210/9437>> Acessado em 17 de abr. 2017.

SILVEIRA, Maria Lucia; FREITAS, Taís Viudes de. **Trabalho, corpo e vida das mulheres: crítica à sociedade de mercado.** São Paulo: SOF, 2007.

WAJNMAN, Simone; GOMES, Anderson. **Diferenciais salariais segundo a posição de homens e mulheres nas famílias.** Disponível em <<http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/outros/FamPolPublicas/GomesWajnman.pdf>> Acessado em 20 de abr. 2017.